

Maluf e o tráfico

29 MAI 1988

A ardorosa discussão sobre os direitos da família na futura Constituição terminou assegurando, novamente, total proteção à infância, muito significativa para os 20 milhões de menores abandonados. Avanço considerável, admitido que a Constituição não tem culpa se os fatos não se adaptam à sua realidade.

Enquanto os constituintes entendiam que a defesa da família se fundamenta em disposições inócuas ou há restrição ao divórcio, do qual prescindem os mais ricos e os mais pobres, a vida prosseguiu e a semana deixou dois fatos quase opostos, porém expressivos e de conseqüências inevitáveis para o futuro.

O primeiro foi a condenação de Paulo Maluf, obrigado a pagar, com correção monetária, os Volks que distribuiu para os campeões mundiais de futebol em 1970 e, o segundo, a posse do novo rei do tráfico da Rocinha, a maior favela da América. Ambos chegaram às primeiras páginas e têm influência na sociedade que estamos a construir.

O episódio Maluf ultrapassa os limites do Judiciário porque fortalece a concepção ética do Estado. A pregação da moralidade, fundamental para a estrutura da família, tem enfrentado dificuldades com a impunidade pública. Não é um mal de hoje. Rui Barbosa o denunciou na "Oração aos Moços", mas todos sabemos como a cada dia diminui a reação à malversação dos recursos públicos e menos resistência cívica.

O Sr. Paulo Maluf, que em 70 já punha em prática seus métodos, não foi o primeiro, nem infelizmente o último, a considerar o erário disponível. Ele não se loçupletou, como outros, porém simplesmente entendeu que o dinheiro público podia ser usado em seu proveito político. A decisão do Supremo é um marco e firma o princípio do interesse público na utilização do erário. A irresponsabilidade passa, de certa forma, a ser crime.

A posse do novo rei do tráfico da Rocinha foi mais importante para a família, base da Nação, do que as inúmeras reuniões desta semana de constituintes preocupados com disposições genéricas. No momento em que um traficante é destaque nos jornais, que contam sua carreira como a de um herói, não se pode deixar de reconhecer que a sociedade está com seus conceitos deturpados.

No Colégio São José, na Tijuca, os alunos ficam sentados no chão com medo do tiro-teio entre os traficantes do Borel. Na Rocinha, onde vivem 200 mil pessoas, um traficante, Bennacil, é queimado vivo na guerra entre quadrilhas. No enterro do ex-líder, comparecem milhares de pessoas e bandidos disparam as metralhadoras para o ar como sinal de guerra ou advertência.

Entre a decisão do Supremo e a inércia do Governo do Rio há uma distância infinita. Há mais. Há nossas famílias, essenciais à Pátria.

28 MAI 1988

29 MAI 1988